

Unidade Socioeducativa: SEMILIBERDADE DE CASCAVEL.

Responsável pelo projeto: Lidyana Soares Kelin

Fabiane Taborda

Ana Maria Campos Machado

Função: Direção e Equipe Técnica

Título do Projeto: A lógica do cuidado como principal fator de segurança dentro da semiliberdade.

Categoria para Inscrição: Segurança

2013-2015

Apresentação

A Casa de Semiliberdade em que o projeto ocorre é uma unidade de execução de medida socioeducativa localizada no oeste do Paraná organizada na modalidade de casa-albergue que atende jovens entre 12 a 21 anos incompletos sentenciados judicialmente pelo cometimento de atos infracionais quando ainda adolescentes.

Os adolescentes atendidos são recebidos para o cumprimento tanto de primeira medida quanto por progressão de medida após terem passado por regime de privação de liberdade. A execução da medida assim como as demais medidas socioeducativas visa atingir os objetivos socioeducativos previstos no Artigo 1º do SINASE (2012), mas alicerçados no trabalho de inserção social que vincula o adolescente diretamente a atividades na comunidade nas diversas áreas de garantia do direito como educação, profissionalização, saúde, esporte, cultura, lazer, e a permanência do convívio familiar aos finais de semanas, com acompanhamento sistemático de uma equipe multiprofissional.

O adolescente passa a semana na unidade, uma casa com rotinas e sistemáticas familiares a rotinas de ir a escola, frequentar cursos profissionalizantes, jogar futebol, fazer acompanhamentos de saúde, e outras atividades de interesse do adolescente, bem como importantes para seu desenvolvimento, estas vinculadas ao Plano Individual de Atendimento, construído em parceria com a família e parte do processo que levará inserção social e ao desligamento da medida socioeducativa.

Para o andamento destas atividades há a necessidade de regras e normas de convivência, que perpassam um ambiente institucional. Para tanto, ultrapassa-se o limite da ideia de casa e algumas ferramentas pedagógicas coexistem para a delimitação de espaços e comunicações, dentre elas o conselho disciplinar, regimento interno e oficina de normas. Estas consideram que o adolescente não veio a instituição por livre e espontânea vontade e que a convivência precisa de mediações.

Justificativa

Compreendendo os desafios da prática socioeducativa que por um lado visa estimular potenciais nos adolescentes e contribuir para o desenvolvimento do mesmo, realizando inserções e reflexões, e por outro o adolescente não almeja estar na instituição, entende-se que o melhor caminho, para a segurança é o estabelecimento da relação de confiança e o estabelecimento da relação de cuidado para com o adolescente. Este por sua vez ao entender e perceber esta relação vincula-se com a equipe e a segurança da equipe, da unidade e dos adolescentes é garantida. Sem é claro deixar de tomar outras medidas, pois como adolescentes querem burlar regras, e numa relação de cuidado, o limite também é parte da relação e da lógica.

A busca por implementar a lógica do cuidado e romper com a lógica do vigiar e punir, implica nos sistemas institucionais é constante, faz parte do refletir constantemente a prática e ações empreendidas. E nesse sentido, tenta-se afastar do ideário do sistema penitenciário e se aproximar a lógica da proteção integral, conforme disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).

Acredita-se que no caso da medida de semiliberdade tal ação se torna imprescindível para poder colocar em prática princípios de semiliberdade e não de semiprisão, haja vista uma construção diferenciada da internação para de fato poder prover o protagonismo juvenil dentro de um contexto que fisicamente está associado ao modelo aberto e simbolicamente ao modelo fechado. Para construir uma proposta baseada na menor vigilância, necessita-se estabelecer relações de confiança, onde até que se mostre o contrário todos tem os mesmos direitos, deveres e responsabilidades, conforme suas diferenças individuais calcadas em necessidades específicas e sua história de vida enquanto sujeito singular.

Neste caso, o projeto fundamenta-se em várias ações em prol da segurança e no estabelecimento de relações de cuidado para como o adolescente, que favorecem a comunicação e a constante reflexão. Assim, adota-se como projeto base da proposta pedagógica a lógica do cuidado, como pilar para a segurança, o que não significa não responsabilizar o adolescente por suas faltas ou como dito passar a mão na cabeça, mas mudar

a lógica deles representarem de antemão um perigo sem de fato estabelecer uma relação que propicie compreender em que situações eles tornam-se perigosos e ameaçam e em que situações demonstram potenciais e capacidades positivas de interação. Assim, o trabalho é constantemente pensar quais argumentos, pensamentos, visão de homem alicerçam nossas ações e intervenções (manejos) é de fundamental importância.

Não quer dizer que conseguimos sempre romper com a lógica do vigiar e punir, associadas a sociedade disciplinar que fazem parte do contexto de nossas organizações e forma de pensamento desenvolvidas ao longo da história e enraizadas em nossas rotinas, mas que buscarem ultrapassá-la ao longo do processo e que reconheceremos nosso limites quando a lógica de fato ocorrer assim, pensando e repensando constantemente nossas ações e dos demais atores envolvidos nos processos.

A literatura também aponta a implementação desta lógica como um grande desafio, mas não está alicerçada em receitas prontas e sim em construções e caminhos possíveis que em cada situação e estudo de cada caso podem ser lançadas mão para buscar atingir objetivos terapêuticos, em seu sentido amplo. Para tal implementação há a exigência de combinar todas as dimensões da vida para a prevenção de agravos e recuperação da saúde, seja subjetiva, relacional, econômica, familiar, comunitária, física ou social. E neste sentido a atenção pelo viés do cuidado torna-se complexa, exigindo um constante pensar sobre os fundamentos de tais manejos em cada situação.

Neste sentido estabelecer linha do cuidado é pensar em fluxos assistenciais seguros e garantidos ao usuário, no sentido de atender às suas necessidades nas diversas áreas de sua vida. É como se ela desenhasse o itinerário que o usuário faz por dentro de uma rede de cuidado. Isto não significa acolher tudo que chega sem questionar, mas provocar o adolescente a refletir sobre seus argumentos, mostrar as contradições. Exige muito diálogo, muitos manejos nem sempre acessíveis, pois eles tem formas diferentes de se relacionar e conviver, fato que de fato faz com que uma situação que em outra instituição não seria um sinal de alerta, na instituição com o caráter socioeducativo tem, mas ao pensar nas estratégias, deve-se pensar no que será melhor para o adolescente diante dos fatos e situações associadas, pensando que a linha de cuidado deve continuar e que não é somente um serviço que vai dar

conta da complexidade de situações que envolvem nossos adolescentes e suas histórias de vida.

Um dos principais fundamentos é pensar até que ponto aquela intervenção não visa apenas o despacho do problema ao invés de pensar se de fato acabaram as estratégias e qual seria o melhor encaminhamento para a vida do menino. E nesse sentido, caso o adolescente perceba que a ação é descomprometida, ou seja, um despacho, provavelmente, sua reação será proporcional, não levando a comprometer-se com os objetivos almejados a proposta socioeducativa.

Neste aspecto defende-se a linha de cuidado como forma de alicerçar nossas intervenções e romper com aquelas práticas sendo assim um pilar da segurança e um caminho para o estabelecimento da relação de confiança. Compreensão estas que também coadunam com as ideias de Antonio Carlos Gomes da Costa, e ultrapassam os limites da proposta da pedagógica da presença, possibilitando a criação de estratégias de apoio em diversos segmentos. Pois não adianta tentar estar trabalhando na linha de cuidado/preocupação quando o jovem não conseguir ver saídas, principalmente aquelas calcadas em inserções precárias que nada fortalecem sua auto-estima, ao contrário fazem-os se sentir diminuídos e humilhados, incapazes.

Objetivos

Estabelecer a lógica do cuidado como pilar de segurança dentro da proposta pedagógica de semiliberdade em prol do estabelecimento da relação de confiança entre adolescente e equipe.

Estabelecer estratégias de reflexões contantes sobre a lógica de funcionamento da unidade frente as várias formas de atuação possível conflitantes da demandas institucionais.

Público-alvo

Equipe socioeducativa e adolescentes em cumprimento da medida.

Desenvolvimento/Metodologia

Para o desenvolvimento desta proposta da lógica do cuidado para o estabelecimento da segurança não há uma estratégia única, mas múltiplas. Acredita-se que todas a proposta se alicerça neste pilar. Contudo, o principal foco é nas demandas do adolescente e como as ações a serem realizadas serão entrelaçadas a tal preocupação.

Por exemplo, no caso do uso de drogas, o adolescente não pode usar drogas por vários motivos, dentre eles porque prejudica sua saúde, seu desenvolvimento, previsto pela legislação. Assim, é previsto no regimento interno sanções disciplinares, considerando que o adolescente é capaz de faz escolhas, e a equipe da semiliberdade, que se preocupa com ele precisa sinalizar as observações sobre tal conduta e refletir sobre. Avalia-se neste caso que não se pode fazer de conta que não se vê, pois eles são importantes, e além disso, deixar uma criança ou adolescente menor de 18 anos fazer uso de drogas independente de ser lícita ou ilícita é crime previsto pelo ECA (1990).

A principal ferramenta utilizada nesse processo de condução da lógica do cuidado e da construção do pilar da segurança é a reflexão, para estabelecimento de estratégias que fortaleçam e primem a construção da relação de confiança. Neste sentido, usamos algumas canais de comunicação e não deixamos engessado para que o fluxo dos acontecimentos cotidianos e da vida possam se movimentar nesse processo. A exemplo temos o conselho disciplinar que é previsto para acontecer toda a quinta-feira, neste decidimos os encaminhamentos da semana e as visitas dos adolescentes a família, também discutimos brevemente sobre os casos e estamos sempre fazendo melhorias nos procedimentos e mudanças. Contudo, se surge um questão antes do dia, um conselho extraordinário é realizado. Também tem os estudos de caso, nestes são discutidos os encaminhados dos

adolescentes para inserções, se será encaminhado relatório, tem os feitos para os prazos, mas pelo nosso projeto, sempre os estudos são feito antes dos prazos, as coisas acontecem conforme os movimento da vida. Exemplo, se o adolescente está indo bem em casa, surge um trabalho, as demandas estão sanadas, então, vai chegando num consenso e pensa-se sobre as possibilidade e benefícios para outros encaminhamentos e possibilidades de desligamentos. A reflexão sobre o processo socioeducativo do adolescente é constante.

Além disso, há outras ferramentas de gestão que visa a construção da lógica do cuidado, inclusive da própria equipe, como as reuniões de equipe, os atendimentos técnicos, as visitas técnicas. Ações que em conjunto apontam para a relevância e importância atribuída ao adolescente e a sua vida.

Resultados alcançados ou metas definidas e quantificadas através de indicadores

	Entradas	Saídas	Extinções e Progressões	%	Evasões	%	Internações e Sanções	%	Transferências	%	Prisão	%	Internação Provisória	%
2010	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2011	46	39	12	30,5	12	30,5	3	8	11	28,5	1	2,5	0	0
2012	37	39	17	43,5	15	38,5	2	5	5	13	0	0	0	0
2013	42	44	19	43	11	25	7	16	4	9	0	0	3	7
2014	50	47	24	52	9	20	2	4	10	22	0	0	1	2

Avalia-se que ao estabelecer ao longo dos anos a lógica do cuidado, vinculada ao fator de segurança, o número de evasões diminuíram, bem como os eventos críticos de conflitos interpessoais com agressões físicas e ameaças. Observa-se que alguns eventos críticos maiores foram vivenciados nos períodos em que a taxa de evasão foi maior, nos anos de 2011

e 2012, em que a lógica do cuidado estava se estabelecendo. Posteriormente a isto, com a lógica consolidada, a taxa de evasão diminuiu e o número de extinções e progressões de medidas aumentaram. Porém, as internações sanções e transferências não deixaram de ser estratégias de manejos para o estabelecimento de relações de cuidados, no que concerne a limites e a conduzir o adolescente mais próximo de sua família.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Distrito Federal, 1999.

BRASIL. Sistema Nacional de Socioeducação. Distrito Federal, 2012.

COSTA, A. C. G. da. Pedagogia da Presença. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2ª ed, 2001.

FRANCO, T.B & Magalhães Jr., H.. A Integralidade e as Linhas de Cuidado; in Merhy, E.E. et al, O Trabalho em Saúde: Olhando e Experienciando o SUS no Cotidiano. Hucitec, São Paulo, 2003.

MERHY, E.E. e ONOCKO, R. (Orgs.); Agir em Saúde: um desafio para o público; São Paulo, Hucitec, 1997.

PARANA. Caderno de Semiliberdade. Secretaria de Estado da Criança e da Juventude. Curitiba, 2010.

Registro fotográfico

Não há.